

# A EPIGRAFIA

## Síntese Geral

---

A epigrafia é uma das disciplinas filológicas complementares, da qual grande utilidade tem recebido a gramática, a paleografia, a história, o direito, a topografia, a história da arte, a mitologia e tudo quanto pode interessar ao campo das antiguidades clássicas e da arqueologia.

Depois dos trabalhos de Mommsen, Henzen, G. B. De Rossi, não se pode ignorar a epigrafia. Isto, bem compreendeu o catedrático de história da civilização antiga e medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Dr. E. Simões de Paula, que solicitou-me o presente artigo para a sua *Revista da História*.

Tratarei aqui da epigrafia no Oriente antigo, na Antiguidade clássica e também da epigrafia cristã antiga, apresentando os necessários fac-similes. Farei outrossim uma referência também à epigrafia literária moderna.

### NOÇÕES GERAIS

*Epigrafia* (do grego *ἐπιγραφή* inscrição) tem por objeto o estudo, decifração e interpretação das inscrições antigas. Estas inscrições encontram-se sobre material variadíssimo: em metal, argila, etc. Numerosíssimas são as inscrições sobre lápides, pedras sepulcrais, aras votivas, bases de estátuas, ou sobre monumentos arquitetônicos de toda a espécie.

Para a leitura certa e interpretação exata das epígrafes, são necessários diversos conhecimentos: língua, história, geografia, enfim variada erudição. Não cabe ao epigrafista julgar o conteúdo da epígrafe, nem usá-la por dedução histórica ou de outra espécie.

As inscrições representam um precioso material de contróle, e são, às vezes, os únicos documentos, sobre os quais se pode fundar a história antiga.

### I

#### ORIENTE ANTIGO

*Epigrafia egípcia e merottica.*

A escrita hieroglífica é usada em todo gênero de material.

O cursivo hierático é escrito em papiro, couro caro, tabuas. O cursivo demótico também é esculpido. A forma dos sinais varia no tempo. Os hieroglifos, devido a motivos decorativos, podem ser dispostos em todos os sentidos, menos de baixo para cima. Em regra, movem-se da direita para a esquerda, em linhas verticais, sem divisões entre as palavras.

O hierático do império médio começa a escrever-se horizontalmente, direção esta mantida pelo demótico. Na Núbia, as epígrafes mais antigas são em hieroglífico. No período romano aparece um alfabeto de 23 letras e um cursivo de vários tipos. As linhas procedem da direita, porém, os sinais olham para a esquerda.

### *Epigrafia semítica.*

São excluídas as inscrições assiro-babilônicas, inscritas em caracteres cuneiformes, e as árabe-muçulmanas, que constituem um ramo próprio — dedicatórias ou funerárias.

O acontecimento da descoberta, da leitura e da decifração das epígrafes semíticas é uma gloriosa página da história das explorações arqueológicas e das pesquisas filológicas.

*Inscrições em dialetos cananeus* (fenício, púnico, neo-púnico, moabítico, hebraico). Inscrições fenícias foram descobertas na Fenícia e nos países do Mediterrâneo, onde o comércio e as emigrações levaram aquêlo povo engenhoso.

O terreno de Biblos, famosa cidade fenícia, restituiu uma série de inscrições arcaicas (séculos XIII-X), preciosíssimas para a história das antiguidades mediterrâneas, escritas em caracteres fenícios.

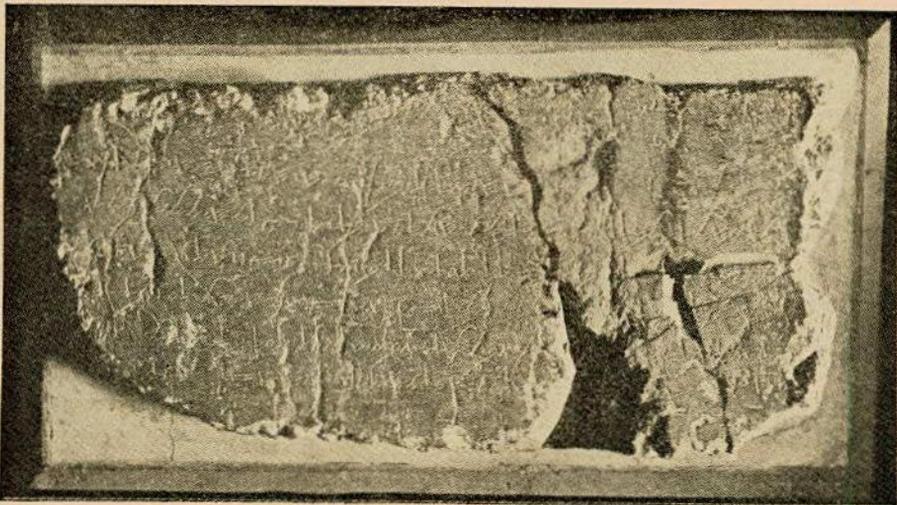


Fig. 1. — Inscrição hebraica de Siloé (Museu de Constantinopla).

Entre as inscrições no dialeto de Moab, semelhante ao fenício e ao hebraico, temos a notável estela na qual o rei de Moab, Mesha (século IX a. C.), fez esculpir a narração dos principais acontecimentos do seu reino e a sua rebelião contra o rei Ahab de Israel. A inscrição encerra a narração da Bíblia e considera os acontecimentos do ponto de vista dos inimigos de Israel. Das epígrafes hebraicas antes do exílio lembramos a da piscina de Siloé.

O caráter hebraico antigo, semelhante ao fenício, foi usado para as moedas até o tempo de Adriano. Depois do exílio, os hebreus adotaram as formas aramaicas, das quais deriva a escritura quadrada, usada depois nas inúmeras inscrições judaicas.

#### *Inscrições aramaicas, nabatéias, sinaíticas, palmirenses.*

É muito importante para a história da Ásia um grupo de inscrições aramaicas do século VIII a. C. Estas inscrições informam sobre a sorte do pequeno reino aramaico de Samal. Estas inscrições aramaicas antigas são apresentadas em uma língua que tem muitos elementos do fenício, o que demonstra a importância cultural de tal língua. As numerosas inscrições aramaicas encontradas na Síria, Babilônia, Ásia Menor, Egito e na Arábia testemunham a grande difusão da língua e da cultura árabe também fora do país de origem.

Esta difusão é revelada pelo fato de que um dialeto aramaico serviu para uso, como língua literária, de um povo de origem árabe, os nabateus. As inscrições nabatéias, muito numerosas, são em geral funerárias e dedicatórias.

O caráter usado nas inscrições nabatéias é aquele que deu depois origem ao árabe. De caráter e língua nabatéia são os grafitos muito numerosos, mas brevíssimos, encontrados na península do Sinai, e porisso, chamados inscrições sinaíticas. São provavelmente devidas a empregados e escribas nabateus que, esperando caravanas provenientes do sul para prosseguir a sua viagem para a Síria, esculpiram seus nomes na pedra, como distração nas longas horas de ócio. Também no reino de Palmira, cuja população era constituída principalmente de árabes, foi usado em numerosas inscrições um dialeto aramaico ocidental, muitas vezes bilingüe, nas inscrições honorárias, dedicatórias e funerárias. De interesse singular é a célebre tarifa bilingüe palmirense-grega.

#### *Inscrições norte-arábicas.*

Os mais antigos monumentos dos dialetos do árabe setentrional (entre os quais surgiu a língua literária árabe de hoje) são epigráficos, e consistem em uma estela funerária do rei lacamita ainda em caráter nabateu; e, em outras duas brevíssimas inscrições, nas quais aparece já formado o tipo árabe de escrita.

Com a afirmação do Islão e o progresso da cultura, as inscrições árabes se multiplicaram até se tornarem numerosíssimas, espalhadas por tôdas as regiões da África, da Ásia e da Europa onde chegaram a conquista e a influência muçulmanas. No período mais antigo são escritas nos caracteres chamados cúticos, substituídos depois, quase inteiramente, por aquêles chamados *naskhi de tipo redondo*. O estudo do número interminável de epígrafes árabes é de grande interêsse histórico, religioso, cultural e artístico. Foi posto sobre bases científicas graças ao orientalista suíço M. van Berchen.

#### *Inscrições sul-arábicas.*

A antiga civilização do Iemen nos foi revelada por documentos originaes que datam da segunda metade do século XIX, quando os semitistas decifraram as inscrições sul-arábicas. Apareceram variedades dialetais de uma lingua que se afasta do árabe por muitos caracteres. Chegam até a formar um tipo próprio. São escritas em alfabeto especial. O conteúdo é pelo mais sagrado dedicatório. Não faltam aí documentos de muita importância histórica, e de acontecimentos politico-militares e de administração pública.

#### *Inscrições etiópicas.*

Na Abissínia foram encontradas algumas importantíssimas epígrafes em caracteres etiópicos e lingua etiópica. Caracteres e lingua são originários do Iemen.

#### *Epigrafia irânica.*

A epigrafia irânica depende diretamente da epigrafia babilônica. Estas inscrições são feitas em várias línguas. As mais importantes são quase tôdas nas três línguas oficiais do império persa, isto é, do antigo persa, o babilônico e o elamita. Da escritura cuneiforme babilônica derivou-se o alfabeto cuneiforme em que é feita a parte irânica. É o resultado da adaptação do sistema cuneiforme à fonética do persa. As grandes inscrições de Dario e de Xerxes, de grande importância para a história do império aquemênida, não eram destinadas a ser lidas. Da idade sanídica chegaram até nós numerosas inscrições, na maior parte bilingües, isto é, em dialeto irânico meridional e dialeto irânico setentrional.

#### *Epigrafia indiana.*

Na Índia a epigrafia assume notável importância, pois que constitui a fonte principal para a história de um povo, que não deu forma verdadeira e própria à historiografia. As moedas oferecem nas suas legendas notável contribuição, são quase as únicas fontes

de informações que possuímos sobre o assunto. O material das inscrições é variado.

Os caracteres indianos das inscrições proveem de dois tipos profundamente diversos entre si. Um toma a direção da direita para a esquerda; o outro poderia chamar-se a escritura nacional indiana, e com direção da esquerda para a direita. As inscrições foram feitas em diversas línguas. Pelo conteúdo, as inscrições indianas divergem notavelmente entre si: comemorativas, dedicatórias, votivas, etc.; e até dramas, noções gramaticais, normas de arquitetura e de música. Mas o espírito animador das inscrições é sobretudo o religioso.

### *Inscrições de Açoka.*

De importância capital pelo conteúdo e pela forma, são as inscrições que o grande imperador mauria Açoka semeou em toda a grande península, nos lugares mais próprios à sua leitura. São preciosíssimas pelo seu alcance histórico aquelas em que se determina com plena segurança a posição do parque Lumbuni, nascedouro de Buda, as que dão notícia do império do Açoka e das sedes dos vice-reis e os nomes de principais povos da Índia; e que recordam conquistas memoráveis. Posteriormente a Açoka, as inscrições foram continuadas na Índia por um longo período.

### *Epigrafia na China e na Ásia Oriental.*

Os antigos chineses esculpiam inscrições sobre vasos de bronze destinados ao culto. Uma coleção de trinta livros reproduz dez mil inscrições conservadas no templo da família do autor. Em seguida foi impressa uma coleção maior de quarenta livros. Os chineses reproduziram desde o princípio da era vulgar, esculpindo-os na pedra, os autógrafos dos mais célebres calígrafos e deles tiraram continuamente sobre papel fino, aplicando depois o papel úmido sobre a inscrição, enegrecendo após com a tinta densa o papel por meio de uma bucha, de modo que os caracteres incisos resultam brancos sobre fundo preto. Dêste procedimento desenvolvido no século IV a. C. surgiu mais tarde a invenção da imprensa. Ainda hoje existem lojas especiais que vendem decalques de antigas inscrições, muitas vezes montadas em albuns. A coleção dos decalques constituiu uma parte importante das bibliotecas.

A incisão na pedra foi usada para conservar em forma segura os textos dos clássicos. As coleções epigráficas chinesas são de tipo variado. Os epigrafistas chineses do século XX ajuntaram aos meios de reprodução os mais exatos da técnica europeia. Falta, um *corpus* completo das inscrições da China. No resto da Ásia oriental (Tibete, Mongólia, Indochina, etc.), pouquíssimas foram as coleções publicadas.

No Japão, as coleções epigráficas teem um interêsse menor. O estudo da epigrafia na China e no Japão teve de há muitos séculos uma popularidade muito maior que na Europa, devido às suas estreitas relações com a paleografia.

### *Epigrafia turco-pré-islâmica.*

Os mais antigos monumentos da língua turca são inscrições runiformes encontradas na alta bacia do Jenissei e no vale do rio Orkhon. Os caracteres do alfabeto Jenissei orkhônico teem só uma semelhança aparente com as runas. O alfabeto que leva em conta a harmonia vocálica se compõe de umas quarenta letras. Muitos sons (*b, d, g, etc.*) representados por letras diferentes conforme figuram em vocábulos com vogais doces ou duras; as vogais pelas quais se teem quatro sinais são omitidas, habitualmente, também no principio de palavra. Como em turco escrito com o alfabeto árabe, a sua qualidade é muitas vêzes indicada pela consoante que os acompanha. A escrita se desenvolve em colunas verticais da direita para a esquerda.

Os turcos aparecem nos monumentos epigráficos, de posse de um notável grau de civilização e prosperidade. O grande espirito de patriotismo e desejo de glória enchem essas composições.

### *Epigrafia libica.*

As inscrições em antiga língua bérbere, às quais foi conveniente dar o nome de libicas em vez de numídicas, são cerca de 500. Uma delas que contém a dedicatória de um templo erigido ao defunto rei Massinissa está datada com o ano 10 do rei Micipsa (139 a. C.). Outras aparecem epigráficamente contemporâneas daquelas. Pode-se afirmar que um notável grupo das inscrições pertence ao período do domínio romano na África Setentrional.

As epigrafes libicas são em grande maioria esculpidas sobre lages de pedras, outras em linhas verticais debaixo para cima.

A questão da origem de tal escrita é objeto de discussão e de novas hipóteses.

## II

### ANTIGUIDADE CLASSICA

Em conseqüência da invenção do papel e da imprensa, hoje o uso da escrita epigráfica é incomparavelmente menor do que o era na Antiguidade clássica.

Os gregos e romanos promulgavam os atos e documentos da vida pública e privada, gravando-os num ou noutro material e collocando-os, freqüentemente, nos templos ou nos lugares que offerecessem garantia de conservação.

A destruição e dispersão começou na Antiguidade. Não só de devastações bélicas como ainda de terremotos e incêndios foram vítimas os textos epigráficos. Acrescente-se a isso também a ignorância, como o martelar das dedicatórias afim de gravar outros em seu lugar. Houve, depois, o zelo exagerado dos primeiros cristãos, invasões dos bárbaros, as desordens dos séculos sucessivos. Gregos, romanos, turcos, reduziram a cal os mármores da grandeza antiga afim de utilizá-lo nas obras murais.

Na Idade Média, ao lado da obra de destruição começa a que propiciará a reconstrução.

### *A epigrafia clássica da Idade Média até hoje.*

A plêiade dos pioneiros da epigrafia clássica surge na Idade Média com alguns peregrinos nórdicos, especialmente anglo-saxões e franceses, que, descendo à Itália, no século VII e VIII, se detiveram, pensativos e respeitosos, diante das lápides latinas de Roma, Pavia e outros lugares e as copiaram. Foram eles quase que exclusivamente atraídos por inscrições cristãs, comemorativas de mártires, pontífices, etc.

Apenas um voltou a sua atenção também para os textos pagãos, de que transcreveu diversas centenas, que nos foram legadas num manuscrito do claustro de Einsiedeln, que remonta ao século IX: o assim chamado *Anonymus Einsiedlensis*. Mas há exceções. Então e nos séculos sucessivos, a inteligência dos textos supérstites foi se tornando cada vez mais obscura.

Basta dizer que, no século XII, um mestre de direito de Bolonha via na *lex de imperio Vespasiani* um fragmento das XII Tábuas!

Aliás, é muito honroso para Cola di Rienzo ter tido uma feliz intuição da natureza e da importância da referida *lex Vespasiani*, cuja tábua de bronze colocou na igreja de São João em Latrão. Valeu-se dela na luta em prol dos direitos do município.

No século XV, reúnem-se as compilações manuscritas de instruções, ora com o nome dos autores, ora anônimas, formando um labirinto. O grande mérito de Mommsen e De Rossi foi ter encontrado o fio da meada.

Eis que, no domínio epigráfico, surge a imprensa.

Deve notar que o campo da epigrafia clássica já fôra, há tempos, inquinado por falsificações. Um dos mais famosos falsificadores foi Pirro Ligorio, que criou, a expensas de sua fantasia, muitos textos e os dissipou em suas obras, que atraíram, sucessivamente, estudiosos de boa fé. Grande número de textos falsificados foram introduzidos nas compilações, inclusive a de Muratori. Foram essas falsificações as responsáveis pelo descrédito em que caiu a epigrafia. O primeiro que sentiu a necessidade de uma re-

visão crítica dos materiais epigráficos e de expor os seus cânones foi Cipião Maffei.

Em rígidos princípios de crítica epigráfica inspirou-se o douto abade Gaetano Marini a quem sucedeu o expoente máximo da epigrafia latina, Bartolomeo Borghesi, que não só publicou e comentou muitos textos epigráficos de grande importância, que lhe serviram de inspiração para estudos histórico-antiquários de singular genialidade, como também sugeriu e orientou pesquisas de grande número de neófitos, constituindo-se em apóstolo convicto da necessidade de uma nova coleção geral das inscrições latinas.

O *Corpus inscriptionum latinarum*, por êle idealizado, foi editado pela Academia de Berlim, sob a direção de Mommsen, de quem Borghesi fêz questão de ser proclamado discípulo e admirador. Essa mesma academia já quase levava a têrmo a publicação do corpo das inscrições gregas.

A distribuição das inscrições no *Corpus* é geográfica. As inscrições da Itália ocupam os volumes IV (Pompéia, Herculânun e Stabia); V (Gália Cisalpina); VI e XV (Roma); XIV (Lácio); IX (Calábria, Apúlia, Sâmnio, Sabinia, Picênio); X (Brúcio, Lucânia, Campânia, Sicília, Sardenia); XI (Emília, Etrúria, Úmbria); as de Espanha encontram-se no volume II; as das províncias orientais e do Ilirico no III; as da Britânia no VII; da África no VIII; da Gália Narbonense no XII; das outras Gálias e da Alemanha no XIII.

A publicação está quase terminada. Há partes acessórias do *Corpus* e *Coleções regionais* sistemáticas de inscrições latinas, ao lado do mesmo.

*Materiais Usados.* Os materiais mais usados foram a pedra e o mármore. Muito usado também foi o bronze, especialmente pelos romanos, que tiveram à sua disposição ricas minas de cobre. Deram preferência a êste metal para transcrição das leis e dos atos públicos. Nem na Grécia faltam exemplos análogos. O chumbo foi utilizado para condutos de água e para senhas com as respectivas inscrições, bem como para epígrafes votivas, funerárias, mágicas, etc. É difícil encontrar inscrições em ferro, estanho ou metais preciosos. A não ser anéis, páteras e vasos inscritos, não temos senão algumas lâminas votivas de ouro ou prata ou algum amuleto. Empregava-se também a madeira, cujos exemplares, por ser deteriorável, não chegaram até nós. Possuímos, contudo, numerosas *tabulae ceratae*, pranchas dípticas ou trípticas, cobertas de cera e gravadas com estilete, contendo atos da vida quotidiana, especialmente recibos e congêneres. Temos cerca de 150 exemplares de Pompéia e, aproximadamente, trinta das minas de ouro de *Alburnus maior* na Dácia. De marfim e osso, temos carteiras de forma circular ou quadrangular; de vidro, marcas industriais; de pedras duras, timbres epigráficos. Finalmente, de terracota, possui-

mos inúmeras marcas de fábrica em telhas, vasos, candieiros e estatuetas, bem como alguns epitáfios e inscrições dedicatórias.

*Técnica da transcrição.* Antes de gravar o texto na pedra, polia-se-lhes a superfície e, em seguida, eram traçadas a pincel todas as letras, distribuindo o texto em linhas. Preparada a pedra, eram gravadas as letras com um formão. Depois, afim de tornar a leitura mais fácil, as letras eram às vezes coloridas em vermelho ou azul. Mui raramente, as letras, ao invés de serem gravadas, eram deixadas, por artifício, em relêvo; freqüentemente, eram incrustadas em bronze ou em metal mais precioso. Há exemplos de inscrições em letras ponteadas.

*Noções sobre a história do alfabeto grego.* É preciso distinguir alfabetos das ilhas meridionais, alfabetos do grupo oriental e alfabetos do grupo ocidental. Entre esses vários alfabetos, salientou-se, pouco a pouco, o de Mileto. Tal triunfo, devido ao fato de que representava, na ortografia e nas formas das letras, o tipo mais perfeito da escrita helênica, foi declarado oficial em Atenas (403 a. C.), por decreto de Arquinos, que propôs a introdução do alfabeto jônio. Assim, a história dos alfabetos epicórios, que começa por volta de 700 a. C., abrange, até a adoção da escrita jônia, vários séculos. As inscrições supérstites destes séculos remotos não são numerosas. A linha geral do desenvolvimento é traçada por um processo de simplificação e embelezamento dos sinais, em que influiu o que foi um dos fatores mais criadores e ativos da história grega: o censo estético.

Tendo-se dada a adoção geral do alfabeto jônio, houve nas diversas localidades transformações maiores ou menores, continuando a obedecer à tendência simplificadora dos sinais, e à aspiração caligráfica para ornamentação com ápices, apêndices e frisos de vários gêneros, sem esquecer as antigas formas mais rígidas e severas. Assim a epigrafia grega dos últimos quatro séculos a. C. e dos primeiros quatro a. D. é um confuso entrelaçar-se de elementos antigos e de elementos novos.

*As cifras.* Nas inscrições gregas os numerais são indicados com as cifras do sistema decimal, também chamado decádico, ou com aquêle do sistema alfabético. *Direção da escritura.* A direção da escritura junto aos gregos foi a que eles tinham aprendido dos seus mestres fenícios, isto é, da direita para a esquerda. Após, logo em seguida, apareceu a escritura *bustrofédica*, isto é, com as linhas alternadamente em sentido contrário, como os sulcos feitos pelo arado. Finalmente, triunfou a direção da esquerda para a direita. Em linha geral pode-se dizer que (séc. VII a. C.) existem inscrições *sinistrorse* (pouquíssimas com mais de uma linha) e *bustrofédicas*. Na primeira metade do século VI prevalecem as *bustrofédicas*, para ceder o lugar às *destrorses*.

*Diversos tipos de alinhamento.* São lembradas as escrituras *Κιουηδόν* próprias para a incisão em colunas; *πλυδηδόν* (em forma de tijolo); e *σπυριδόν* em forma de cesto.

*Inscrições gregas antiquíssimas.*

As mais antigas inscrições gregas que temos não vão além do século VII a. C. É de interesse particular que uma das mais antigas, descobertas na Núbia, foi escrita sobre as pernas de uma esttua colossal egípcia, para lembrar os nomes dos jônicos mercenários que durante a expedição de um rei Psamético subiram o Nilo até onde era navegável. Essa não é especialidade do Egito. Temos aos lados da porta de entrada do jardim botânico de Ajuda (Portugal) duas estatuas colossais, com uma inscrição sobre as coxas, e não como acontece nas figuras gregas, etruscas e latinas sobre uma das coxas de cima até abaixo, mas em direção horizontal, em várias linhas.

Entre as mais interessantes inscrições arcaicas da Olimpia, está a da tábuca de bronze com o texto de um tratado entre os Elei e os Ereí. Temos inscrições em Atenas, Sicília, Magna Grécia. Notável é aquela sobre tábuca de bronze descoberta do Bruzio contando um interessante ato de trespasso de propriedade.

*Das guerras persas ao fim da guerra do Peloponeso.*

Existem textos não numerosos mas importantíssimos como por exemplo, a famosa inscrição da coluna serpentina, elevada por tripode áureo, que, depois da vitória de Platéia, foi dedicada a Apolo em Delfos. Constantino fê-la transportar para Constantinopla, onde era admirada na grande praça do hipódromo. Na idade posterior às guerras persas os materiais se multiplicaram. Dos textos sobreviventes os mais importantes são os áticos, nos quais se reflete a gloriosa ascensão de Atenas entre as duras lutas e as grandiosas obras da paz. Da batalha de Egospotami à batalha de Queroneia os materiais epigráficos tornaram-se sempre cada vez mais copiosos em Atenas e fora de Atenas.

*Período helenístico.*

Começa no campo epigráfico sobre as ordens de Alexandre Magno para os cidadãos de Priene. Seguem-se importantes cartas e escrituras dos primeiros diádocos etc. São numerosíssimas as inscrições votivas, de dinastas, de cidades e de particulares.

No último quarto do século III a. C. aparece no horizonte do mundo helênico, Roma. Inicia-se aquêl processo de guerras e de relações diplomáticas, com os quais no meio do século seguinte estabeleceram a dominação. Tal processo reflete-se amplamente na epigrafia.

### *Periodo da Dominação Romana.*

Essa dominação traz consigo uma transformação sensibilíssima no argumento e no estilo das epígrafes.

A atividade dos órgãos municipais, a *bulê* e o senado, continua àlacremente em muitas cidades das províncias gregas. No primeiro plano do quadro oferecido pela epigrafia do tempo estão Roma, o senado, os seus magistrados; mais tarde o imperador será o centro.

A idade augustêia deixa o seu traço notabilíssimo nas epígrafes sobreviventes em língua grega. Do *Monumentum Ancyranum* tem-se também o texto grego.

A resposta de Antonino Pio ao recurso dos habitantes de Efezo contra os de Esmirna conservada sôbre pedra, parece difundir uma amarga ironia sôbre o ocaso do mundo grego. Assim a epigrafia segue e assinala a parábola do mundo helênico.

São escassos os textos epigráficos latinos sobreviventes do século II a. C. A inscrição mais antiga da Espanha é o decreto de L. Emilio Paulo para os habitantes da *turris Lascutana*.

O desenvolvimento da epigrafia latina clássica abraça um período de mais de mil anos. Em tão longo curso de tempo ela sofreu uma contínua transformação nos sinais gráficos. Desses sinais se pode deduzir um critério importante de datação. De tal evolução com critério aproximativo, as fases principais.

#### *Noções sôbre a história do alfabeto latino.*

O alfabeto latino deriva do alfabeto grego das colônias calcídicas da Itália meridional, do grupo ocidental dos alfabetos gregos, segundo a classificação de Kirchhoff.

Os latinos não acolheram no seu alfabeto os sinais calcídicos do *theta*, do *fi* e do *chi*, que adotaram sômente como siglas numerais, de modo que o primeiro alfabeto latino contou vinte um sinais, como os do z (I no vaso de Dueno e no digamma (F) primeiro no valor semi-vocálico (na fibula prenestina o *f* consoântico é representado pelo sinal do digamma mais aquêde da aspiração: *fhefhaked—fefaced*), depois no valor de *j* (assim no vaso de Dueno, e talvez já no *cipo*, onde a semi-vogal é já expressa com o sinal de V).

No século III a. C. se esboçam transformações enquanto que o *z* saiu logo do uso e, enquanto que na fase do vaso de Dueno o sinal C tinha sido usado para ambos os sons do *c* e do *g* guturais. Ora, para evitar confusões se introduziu para o son do *g* a diferenciação em *G*, que aparece pela primeira vez em um *eixo librale* de *Luçera*, enquanto que na inscrição dos *coci falisci* nota-se uma contínua confusão entre os dois sinais *c* e *G*. Esta diferença compensou a perda do *z*, assim que o alfabeto continuou a ter vinte e

uma letra cada uma por si na primeira metade do século oferecem variantes, junto às formas primogênicas. Note-se particularmente aquelas do *E*, do *F*, do *C*, do *K*, do *P*, do *N*. Estas variantes determinam uma nova fase do alfabeto latino, o qual chega aproximadamente até a metade do século III a. C. quando acontece uma outra que chega a sua vez até pelo ano 150 a. C. e é caracterizada pelo declinar progressivo de algumas formas arcaicas (cfr. especialmente o *E*, o *F*, o *O*, o *P*, o *Q*, o *R*, o *S*) e aparecer do *L*, a ângulo reto, que em 200 a. C. substitui definitivamente a do ângulo agudo.

Em 150 a. C. aparece uma nova fase caracterizada pelo desaparecimento das formas arcaicas do *E*, do *F*, do *M*, do *N*, e de uma regularização progressiva dos sinais, cujo processo prossegue até Augusto, quando toca o seu ápice na agilidade e elegância dos caracteres, no cuidado pelo desenho e na harmonia das proporções. Esta tradição de elegância é continuada nos dois primeiros séculos do Império com variantes cronológicas e regionais, que foram estudadas cuidadosamente pelos epigrafistas para deduzir critérios de datação, mas não se pode pretender nunca alcançar determinações cronológicas exatas somente com subsídio dos elementos paleográficos. É preciso contentar-se com aproximações.

### *Epigrafia Latina Clássica.*

*Limites cronológicos.* As mais antigas inscrições latinas são a sinistrorsa da fíbula áurea Prenestina; a bustrofédica vertical do cipo do forum omano; e a do vaso chamado Dueno.

A fíbula áurea Prenestina (do séc. VII-VI a. C.) está guardada no museu Pigorini de Roma. É um feixe de ouro encontrado em um antiquíssimo sepulcro de Preneste. É em caracteres gregos, da direita para a esquerda.

Transcrita em caracteres romanos equivale a: *Manios med phephaked Numasioi* (Mânio me fez por Numério). Tem-se a desinência *oi* do dativo osco-umbro; a forma dupla do perfeito do verbo fazer, também osco-umbro, à qual se contrapõe em latim o antigo aoristo indo-europeu *feced*.



Fig. 2. — Fíbula Prenestina.

A inscrição sôbre o cipo do fóro romano foi descoberta em maio de 1899 no lugar chamado túmulo de Rômulo, entre a cúria e o arco de Septímio Severo, de data ainda hoje discutida, mas talvez do século V a. C. Os caracteres são substancialmente idênticos aos do alfabeto grego. Quanto ao conteúdo refere-se a coisas *sacrali*. A língua destaca-se de modo tal do latim sucessivo que não se pôde alcançar a uma interpretação certa. A inscrição é bustrofédica vertical.

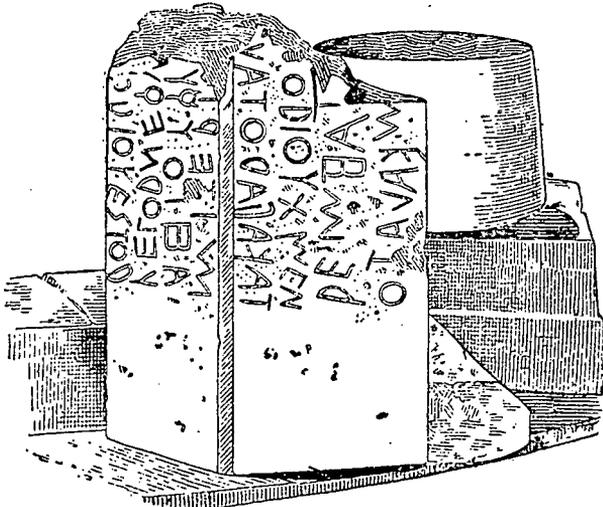


Fig. 3. — Cipo do forum romano.

O vaso chamado de Dueno foi encontrado entre o Quirinal e o Viminal pelo ano de 1880, em caracteres gregos e talvez seja da primeira metade do século IV a. C.

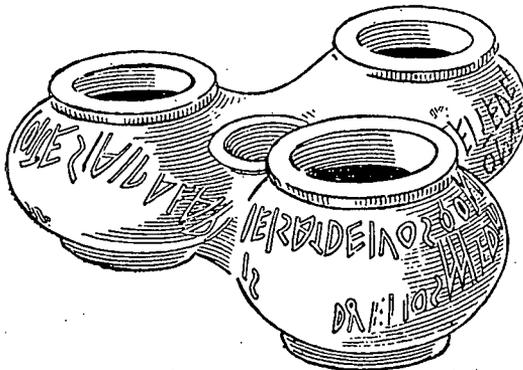


Fig. 4. — O vaso de Dueno.

A Cista Ficoroni, de época menos antiga, que apresenta o texto claro, esculpido sobre uma caixinha, e tomou o nome do desbridor, diz: *Dindia Macolnia Filea Dedit — Novios Plautios Med Romai Fecid* (Deu-me a filha Dindia Macolnia — fêz-me em Roma Novio Plauzio).

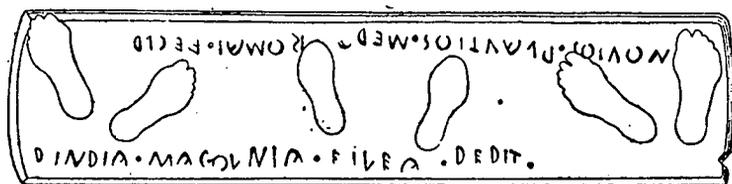


Fig. 5. — Cista Ficoroni.

Seguem no século III a. C. *cippi* descobertos em um bosque sacro perto de Pesaro com dedicatória a vetustas divindades latinas e itálicas.

Ajuntem-se as inscrições dos Cipiões, entre as quais a do sarcófago de L. Cornélio Cipião Barbato, hoje no Museu Vaticano.

Da escritura monumental ou lapidária, ou quadrada distinguem-se a *atuária*, a *cursiva* e a *uncial*. A atuária é assim chamada porque é usada freqüentemente na transcrição de documentos e atos públicos; deriva da escritura pintada em preto e vermelho, sobre tábuas esbranquiçadas ou na superfície de muros e de paredes; é contrassinada por uma maior fluidez de caracteres com desaparecimento dos ângulos e arredondamento dos sinais: esta diversa delineação dos sinais devida à técnica do pincel conservou-se também quando este tipo de escritura foi usado em tábuas de bronze, ou muito raramente em pedra. Cfr. o *Senatusconsultum* de Bacchanalibus do século II a. C., os fastos Capitolinos do período augustino; e o discurso de Cláudio da inscrição de Lião.

A escritura cursiva e uncial são estudadas especialmente na paleografia. Mas tiveram também algum uso epigráfico: o cursivo de fato foi usado nas tabuletas de Pompéia; em grafites sobre muros, paredes e vasos; e a uncial em muitas inscrições africanas. Ambas derivam da escritura monumental. O cursivo parece ligar à época arcaica da escritura monumental.

Para dar uma idéia do patrimônio epigráfico latino e para torná-lo acessível, convém estudá-lo nas seguintes categorias de inscrições: *inscrições dedicatórias*, importantes pelo estudo das religiões romanas, pagãs e as estrangeiras; *inscrições honorárias*, como aquelas da *coluna rostrata* de C. Duílio, vencedor da batalha de Mylae; *inscrições sepulcrais*, como aquela no monumento de Cecília Metela; *inscrições em edifícios públicos e cipos terminais*; *inscrições pintadas*, *grafites* e *inscrições em objetos domésticos*.

### *Importância da Epigrafia Latina.*

A epigrafia latina constitui mina preciosa e inesgotável de documentos de natureza variadíssima. Eles se introduzem imediatamente na vida do mundo romano e com ela nos familiarizam, dando-nos quase a ilusão da contemporaneidade. São documentos que investem os aspectos e os elementos da vida pública e particular dos romanos. A epigrafia latina, não obstante uma certa monotonia do conjunto, representa em muitos textos uma das manifestações mais características da índole nacional dos romanos. Na concisão e na rapidez da frase, como na dignidade do eloquium, se encontram escultoriamente as qualidades fundamentais da raça: a piedade para os deuses, a pátria e os pais, o culto das virtudes domésticas, a severa disciplina da milícia, o respeito sagrado da propriedade, a subordinação ao império do magistrado e da lei, o senso da romanidade.

### *Epigrafia não Latina da Itália Antiga.*

Nenhum caráter étnico, histórico e cronológico mescla as testemunhas epigráficas diversas das latinas. Sômente é possível uma classificação geográfica. Na Itália central domina a grande massa das quase 9.000 inscrições etruscas. No exame epigráfico delas fundam-se ainda em grande parte os conhecimentos lingüísticos em torno ao etrusco, ainda insuficientemente apoiadas pelo exame etnológico comparativo. Elas têm começo com o século VI, tornam-se numerosas com o século III. Os locais de descobertas mais importantes são: Perúgia, Chiusi, Orvieto, Tarquínia, Caere. Traços característicos do alfabeto são: a falta da vogal o e das consoantes *b, d, g*. Tanto na Campânia quanto na Etrúria meridional na zona dos Falerei, os documentos epigráficos atestam uma fortíssima penetração de elementos lingüísticos indo-europeus, do tipo sanita no primeiro caso, de tipo também latino no segundo. As inscrições itálicas, em língua do grupo osco-umbro são distribuídas em zona que vai desde Gubbio a Messina, em um período de tempo que vai do século V ao I. Elas dividem-se nos dois tipos principais umbro ao norte, osco ao sul, separadas por unidades dialetais menores intermédias, ditas sabélicas. As diferenças dos alfabetos mostram as duas sucessivas influências dominantes. As inscrições umbras e oscas mais antigas são escritas em alfabeto etrusco; as mais recentes em alfabeto latino, ambas segundo as exigências fonéticas locais.

À Itália central pertencem ainda as inscrições pré-sabélicas e a estela de Novilara. As inscrições pré-sabélicas escritas em direção bustrofédica, com alfabeto oscilante que não se explica inteiramente com o etrusco, lingüisticamente não interpretadas, pertencem ao século V.

Na Itália meridional encontram-se documentos epigráficos dos messápios e dos sículos. As inscrições da Itália setentrional pré-latina dividem-se em três grupos: vêneto, norte-etrusco, leponzio.

### *Inscrições Romanas em Portugal.*

Foram editadas por um epigrafista consumado, o dr. Emilio Hubner. Mais um relatório que pròpriamente um livro é, porém, digno de menção e de estudo em assunto de antiguidade romana.

### *Epigrafia Cristã Antiga.*

A história do estudo da epigrafia cristã começa com as coleções de algumas principais inscrições, de importância histórica ou de apreço literário, que se fizeram desde a alta Idade Média, por colecionadores anônimos, com o fim de formar antologias ou de terem modelos para reproduzir ou imitar. A coleção mais insigne de antigas inscrições cristãs é a do Museu cristão lateranense, ordenada antes por De Rossi e depois por Marucchi. Um grande número de inscrições está guardado *in situ* nos cemitérios cristãos suburbanos de Roma e em muitas outras cidades.

### *Epigrafia Cristã Medieval.*

A divisão da epigrafia cristã latina em antiga e medieval é de todo convencional. As suas características gerais se mantiveram quase inalteradas das origens.

### *Inscrições em Versos.*

Os primeiros carmes epigráficos foram unicamente sepulcrais e sempre de caráter dogmático. Depois, além de serem esculpidas em túmulos de mártires e fiéis, os versos foram esculpidos ou formados em mosaicos em várias partes das basílicas, uso este exclusivamente cristão, escopo comemorativo, exegetico ou parenético. O exemplo de Dâmaso em Roma, de S. Ambrósio em Milão e de S. Paulino em Nola, encontrou larga imitação no Ocidente por todo o século V.

### *Inscrições em prosa.*

Nasceram junto com as inscrições em verso: em número sempre crescente do século XI, apresentam uma variedade superior a da Antiguidade clássica. A epigrafia medieval continuou a usar a escritura *capital*. O desenvolvimento das formas em Roma e na

Itália teve uniformidade maior que junto as outras nações. A escriptura *gótica* teve vida breve, sufocada pela Renascença, que retornou às formas clássicas da *capital*.

No uso epigráfico as abreviações foram simples e de número limitado.

### *Epigrafia Literária Moderna.*

Diferente da ciência que estuda as inscrições é a doutrina, chamada também *epigrafia*, que dá as normas para a redação literária das epígrafes. Desde quase o fim do Setecentos acostumou-se a escrever as epígrafes em latim. Mas para o fim desse período desenvolveu-se a idéia de que as epígrafes deveriam ser escritas em língua viva.

### *FRANCISCO ISOLDI*

Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Sócio correspondente da "R. Deputazione Romana di Storia Patria". Colaborador da Sociedade Muratoriana, dirigida por Carducci e Fiorini.